

LOBATO: RESISTÊNCIA OU PARTICIPAÇÃO?

Sônia Aparecida Vido Pascolati

Como já anuncia o título deste artigo, o que propomos é retomar a grande polêmica em torno da (não) participação de Monteiro Lobato no Modernismo brasileiro, procurando avaliar as relações do escritor com o processo de engendramento do Modernismo. Embora a Semana de Arte Moderna esteja comemorando o 80º. aniversário, a figura de Lobato permanece revestida da pecha de reacionário, anti-moderno, uma espécie de “lobo mau” do Modernismo brasileiro. Parte disso se deve à questão “Anita Malfati” – de que trataremos pouco mais adiante – que distanciou os modernistas do escritor taubateano. Entretanto, o espaço reservado a Lobato na história da Literatura Brasileira relaciona-se também com a importância atribuída ao Modernismo pela nossa historiografia literária. A idéia de *ruptura* que comumente associa-se a esse movimento estético tem-lhe atribuído uma importância capital no desenvolvimento da literatura no Brasil; todavia, a importância demasiada conferida ao Modernismo acaba por obliterar a noção de processo de formação da literatura, entendendo que as conquistas realizadas pelos modernistas na primeira metade do século XX não podem ser tomadas como um fato isolado, mas parte de um conjunto de transformações paulatinamente realizadas. Se o Modernismo é tido como o grande responsável pela renovação da literatura brasileira, não podemos esquecer que toda renovação é processual e nesse processo o Pré-modernismo tem sua parcela de mérito, assim como a ação dos nossos poetas e prosadores românticos, por exemplo.

Para rever o papel de Monteiro Lobato na gestação do movimento modernista faz-se necessário levantar as afinidades e divergências existentes entre Lobato e o grupo modernista; começemos pelas últimas, concentrando nossa atenção no episódio que afastou drasticamente os

modernistas de Lobato, qual seja, a publicação, em 1917, do tão propalado artigo “Paranóia ou Mistificação”.

Lobato exerceu a crítica de arte nas primeiras décadas do século XX publicando artigos em jornais nos quais não apenas comentava exposições, aclamando ou apresentando reservas quanto ao estilo de algum pintor, mas também e principalmente exercia uma crítica militante, isto é, “textos em que se percebe o desejo de intervir decisivamente na cena artístico-cultural, propondo sua transformação, sempre a partir de um parâmetro ético, estranho à especificidade artística”¹. Para Tadeu Chiarelli, o parâmetro ético que determinava a avaliação de Lobato da arte paulista era o nacionalismo e seu desejo de demarcar as fronteiras entre a produção artística nacional e as influências estrangeiras que, segundo ele, deformavam e descaracterizavam a literatura e outras artes no país. Várias iniciativas e textos do escritor paulista confirmam essa sua tendência, como o inquérito promovido por ele para resgatar a figura folclórica genuinamente brasileira do Saci-pererê, artigos de *Idéias de Jeca Tatu*, por exemplo, em que defende a “nacionalização” da arte, sem falar na literatura infantil, toda ela perpassada por um profundo sentimento de nacionalismo crítico.

Se o que determina o paradigma de avaliação de Lobato acerca da pintura produzida no Brasil é o nacionalismo – considerando-se ainda sua simpatia pela tendência naturalista nas artes –, claro é que sua avaliação da exposição Anita Malfatti se ressentisse da presença de “-ismos” que tanto o incomodavam, pois os considerava deformadores da realidade. Pessoalmente ofendido com o que considerara uma detração da amiga pintora, o carro-chefe do Modernismo brasileiro cortou quaisquer laços possíveis com Lobato, apesar de admitirem – anos mais tarde, é verdade – o pioneirismo do escritor na transformação da cultura e da arte nacionais.

¹ CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages*. São Paulo, Edusp, 1995, p.70.

A crítica de arte lobatiana é marcada pela preocupação e proximidade que ele manteve, em toda sua trajetória, com o leitor, com o público receptor do objeto artístico. Na literatura, sempre manifestou o desejo de ser compreendido por seus leitores, particularmente os mais simples, exatamente aqueles que povoam seu universo ficcional. Daí sua busca interminável pela depuração do estilo, pela simplificação da linguagem literária, aquilo que ele mesmo chamou de “desliteraturizar” o texto. É nessa preocupação em estabelecer um canal eficiente de comunicação com o leitor que se apóia a vertente infantil da obra da Lobato, afinal, poucos até hoje conseguiram como ele fazer-se compreender e amar pelas crianças.

Deixando de lado aquilo que afastou os modernistas de Lobato, nossa preocupação agora é procurar as afinidades existentes entre eles. Nosso trabalho filia-se a uma linha relativamente recente de pesquisas (década de 1980) que se dispuseram a rever o papel de Lobato na Literatura Brasileira, propondo releituras que apontam para um outro aspecto de sua obra: os traços de modernidade nela presentes.

Em publicação organizada pela pesquisadora Regina Zilberman² por ocasião da comemoração do centenário de nascimento de Monteiro Lobato, foram reunidos artigos de vários estudiosos da obra lobatiana empenhados em tornar mais clara a relação entre o escritor taubateano e os realizadores da Semana de Arte Moderna. Entre esses autores estão Guilhermino Cesar, que vê semelhanças entre o processo caricatural de criação de personagens dos textos lobatianos e a técnica de pintura utilizada por Anita Malfati, o que indicaria que, apesar de partidário do naturalismo em pintura, na literatura Lobato estava muito mais próximo dos processos de criação modernos; Marisa Lajolo, destacando a preocupação de Lobato em aproximar-se do leitor visto não apenas como público consumidor de obras literárias, mas principalmente trazendo-o para o universo ficcional, transformando-o em matéria literária e,

² ZILBERMAN, Regina. *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

desse modo, inovando as técnicas de escritura do texto literário ao retomar a “tradição literária, recriando-a, passando-a a limpo, fecundando sua significação quer pela irreverência em relação ao seu contexto tradicional, quer pela sua imersão em outro contexto, agora moderno e nacional” (p. 48); Maria das Graças Paulino que analisa em seu artigo a relação entre as propostas dos modernistas de uma escritura “nova”, sinônimo de desafio ao leitor, e a linguagem dos escritores que, como Lobato, sabiam encontrar o ponto de equilíbrio entre o novo e o “repetido”, mantendo-se mais próximos do universo de expectativa de seus leitores; e finalmente Eliana Yunes, que se detém mais propriamente na questão do nacionalismo, comum tanto ao escritor paulista quanto aos modernistas, concluindo que seus objetivos não divergiam, apenas os caminhos para realização literária das propostas nacionalistas é que se distanciavam.

Marisa Lajolo³ enfatiza a perspicácia com que Lobato avaliou seu tempo, um tempo de transição e mudança em que dois “mundos” chocavam-se: a cultura citadina e a rural, a tradição culta e a oral, o academicismo do século XIX e a modernidade do século XX. Para Lajolo, os contos de Lobato formam um painel dessas transformações que marcaram tão profundamente a sociedade do início do século e demonstram quanto Lobato compreendeu as contradições de seu tempo e os conflitos que o caracterizaram.

Vasda Landers trata especificamente da posição marginal reservada a Lobato pela história do Modernismo brasileiro, procurando evidenciar os fatores que afastaram erroneamente o criador do Sítio do Pica-pau Amarelo das realizações do grupo modernista. Para Landers, as semelhanças entre as idéias e as realizações literárias dos modernistas e de Lobato superam qualquer fator que os possa distanciar e destaca, entre elas, a rebeldia, tão característica do espírito lobatiano quanto do perfil do grupo modernista; o antiformalismo de Lobato, que será

³ LAJOLO, Marisa. Monteiro Lobato, o mal-amado do Modernismo brasileiro. In: LOBATO, M. *Contos Escolhidos*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

também marca registrada dos modernistas; a tendência nacionalista, comum a ambos e pedra de toque da primeira fase do movimento modernista; e o individualismo enquanto sinônimo de originalidade e liberdade criadora do poeta. De acordo com a autora, existe um “parentesco” entre o anti-herói lobatiano Jeca Tatu e Macunaíma, o “herói sem caráter” criado por Mário de Andrade: “um é definitivamente descendente do outro, pois o extrato que os compõem vem a ser constituído do mesmo material nacional caracteristicamente doentio”⁴.

Não é possível deixar de destacar a importância da mais recente biografia do autor paulista intitulada *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*⁵, trabalho alentado de revisão crítica de todos os campos de atuação de Lobato, desde suas primeiras incursões pela literatura ainda quando estudante de Direito em São Paulo, sua atuação como adido comercial nos Estados Unidos, o impulso editorial no mercado gráfico nacional, sua prisão no governo Vargas, com destaque para sua atuação como escritor para adultos e para crianças.

Sem querermos ingenuamente atribuir a Lobato o epíteto de “modernista”, propomos contudo uma revisão do espaço a ele reservado na cronologia da Literatura Brasileira, apoiados que estamos nas considerações de todos os especialistas citados acima. Monteiro Lobato tem sido “classificado” como escritor pré-modernista. Segundo Alfredo Bosi, que por sua vez retoma a denominação proposta por Tristão de Ataíde, o período pré-modernista abarca as primeiras décadas do século XX, encerrando-se com a realização da Semana de Arte Moderna. Entretanto ele destaca que, mais importante que a delimitação temporal desse “estilo”, é a interpretação de sua denominação, afinal, o prefixo “pré” indica ao menos duas possíveis leituras do termo pré-

⁴ LANDERS, Vasda Bonafini. *De Jeca a Macunaíma: Monteiro Lobato e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p.49.

⁵ AZEVEDO, Carmem Lúcia de et al. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 1997.

modernismo. Se considerarmos apenas o “critério cronológico”, tomaremos o prefixo “pré” como indicativo de anterioridade temporal, isto é, o Pré-modernismo caracteriza-se por anteceder, numa linha histórica, o próximo movimento, o Modernismo. Pré, aqui, tem a conotação de “vir antes”. Já se tomarmos por base o “critério estético”, o prefixo “pré” ganha um significado mais abrangente, adquirindo “um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista” ⁶, ou seja, adquire o sentido de antecipar as propostas modernistas, como se preparasse o terreno para a germinação do Modernismo.

De acordo com nossa leitura da produção literária de Monteiro Lobato é possível aceitar sua inclusão no Pré-modernismo considerando ambos os critérios, já que parte da sua produção – particularmente a que nos interessa, os contos de *Urupês*, *Cidades Mortas* e *Negrinha* – é datada das primeiras décadas do século e muitas de suas características de estilo serão também marcas da ficção modernista. Todavia, é preciso considerar um certo sentido excludente contido no termo, já que não se pode negar que o prefixo “pré” estabelece uma barreira separando os que estão aquém do Modernismo daqueles que o realizaram. Ser pré-modernista, historicamente, tem muito mais separado Lobato das conquistas da Semana de 22 do que o tem aproximado de suas propostas. Mais do que ser pré-modernista no sentido de “vir antes”, Lobato merece um lugar de destaque por ter aberto caminho, ter preparado o terreno para a revolução estética proposta pelo movimento de 22.

Lobato provocou rupturas tanto formais quanto temáticas que caminharam no mesmo sentido das propostas inovadoras dos modernistas, e mesmo Oswald e Mário de Andrade admitiram mais tarde, após o abrandamento dos primeiros tremores e abalos que se seguiram às sessões realizadas no Teatro Municipal de São Paulo, que Lobato tinha um lugar reservado na Semana de Arte

⁶ BOSI, Alfredo. *O Pré-modernismo*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967, p.11.

Moderna em vista de seu papel pioneiro, entre outras coisas, na discussão de questões pertinentes à cultura nacional, tão caras aos nossos modernistas.

Nessa medida, características como: a) a adoção de uma linguagem mais próxima da oralidade e do falar “regional”, menos conservadora e salpicada de neologismos; b) a preocupação com o estabelecimento de um canal de comunicação entre autor-obra-público; c) a presença da ironia como elemento constitutivo do texto, empregada numa perspectiva desmistificatória; d) a focalização dos espaços periféricos, mais caracteristicamente nacionais, ao lado de temáticas de cunho nacionalista (retomada do folclore, críticas à política de fomento do desenvolvimento econômico do país, denúncia de mazelas sociais como a escravidão e o funcionalismo público); e) reavaliação da tradição por meio de um diálogo crítico com as estéticas do século XIX (Romantismo e sua vertente regionalista e o culto da forma perfeita defendido pelo Parnasianismo), que marcam a obra do escritor paulista, são também expressão dos postulados estéticos defendidos pelo grupo modernista.

Aliás, devido à grande popularidade e circulação das obras pré-modernistas, é inevitável admitir sua importância na renovação da literatura nacional na passagem do século XIX para o século XX. No caso de Lobato em particular, a recepção de seus contos surpreende num Brasil com baixos índices de alfabetização e sem o cultivo do hábito da leitura. Sempre muito próximo do universo de seus leitores, os escritores pré-modernistas foram os primeiros a se aproximar da linguagem do cotidiano, a facilitar o envolvimento do leitor com a literatura, atingindo camadas da população antes à margem do processo literário nacional.

A polêmica em torno da figura fascinante de Monteiro Lobato está longe ainda de ser encerrada, mas a revisão que tem sido empreendida de sua obra e as diversas marcas de modernidade que nela têm sido destacadas satisfazem provisoriamente aos amantes e estudiosos de sua produção literária. Como afirma Manuel da Costa Pinto no início de seu breve artigo

sobre Kafka, “a permanência de uma obra é diretamente proporcional ao número de interpretações que suscita”⁷. Há um século a obra de Lobato tem suscitado acaloradas discussões, tem sido mote de inúmeras teses acadêmicas e objeto de debate de grandes críticos e estudiosos de literatura. Graças à riqueza da ficção lobatiana, muitas leituras ainda são possíveis, o que garante certamente vida longa à sua obra.

⁷ COSTA PINTO, Manuel da. A transcendência impossível de Kafka. *Cult – Revista Brasileira de Cultura*. São Paulo, ano VI, n.º 59, p.9, julho, 2002.